



NATAL! Natal! Parece que todas as saudades veem numa revoada poisar nas nossas almas, ou que num jardim encantado mysteriosamente florescem, em pleno inverno, todas as doces realidades perdidas,—que ao depois ficaram sonhos...

Quem ha ahi que não tenha, bem no âmago do peito, imagens recatadas e silenciosas, envoltas numa nevoa de luar que as vela,—rostos amados que nesses dias de festa de repente apparecem na nossa retentiva, e á tona das almas divinamente emergem, como flores de saudade e de mysterio?... Um velho amigo, perdido ha tanto num naufragio, e de quem cuidamos ouvir a voz serena e clara; uma irmã distante, que nos enchia a casa de candura e graça; a aza archangelica duma filha; a avó discreta e doce, a quem só confessavamos as culpas do nosso coração; os paes, a mulher amada... todos aquelles que viveram agasalhados no nosso affecto, ei-los que surgem, não como espectros, mas redivivos e suaves, com o mesmo gesto peculiar e simples, o mesmo passo rythmico, o mesmo olhar melancolico como um crepusculo ou ardente ainda como as illusões de gloria!

A vespera do Natal a que me refiro entardecêra chuvosa, duma plumbea tristeza. Para corações magoados, os dias cinzentos evocam mil sonhos e mil pequenas alegrias passadas, que foram levadas na larga onda da vida, semelhantes ás petalas felizes dos malmequeres, desfolhados pelas raparigas num rio que vae fugindo... Ora os ceus pesados prometiam desencadear-se em aguaceiros batidos pelo sul, que assoviava nos esqueletos das arvores, como as cobras, ou uivava, como os lobos, na garganta da serra. E este dia baço, tam evocador de imagens suaves, era para Romana infinitamente nostalgico.

Dantes esse dia era bom a mais não ser para o seu coração alvorecente. Natal quer dizer amor. E para Romana

cedo começára a zumbir na alma ingenua essa abelha mysteriosa, cujo mel tam antigo, é, cada vez que se aspira, mais doirado e fragrante.

Ah! como o Natal d'aquelle anno ia ser triste, pensava. Viriam todos, era verdade, os pequenos haviam de rir, as primas do Tojal cantariam loas, a ceia de consoada seria conchegada e farta—mas os olhos de Romana tinham a melancolia de aves tristes, que voam lentas a um pôr de sol d'outomno. Era uma longa saudade que a embalava, á maneira dum barco que se baloiça docemente sobre uma voragem... Que seria feito de Manuel, por tam longe, e sem ao menos dizer em duas palavras quando voltaria, ou se estava doente! Era sobretudo cruciante aquelle silencio fatidico e doloroso, que parece sempre, para quem sabe amar, uma ironia da Morte... Fosse elle feliz, bastava! Mas seria elle feliz? Quem sabe, nos pégos do Destino, onde nos espera o redemoinho fatal! Quem sabe lá?! E ella, encostada aos vidros, bem alongava os lindos olhos pela estrada deserta, pelos montes frios, pelos campos onde os lares começavam a fumegar, e onde em cada lareira as achas crepitavam, como se as linguas de lume fallassem uma linguagem mysteriosa de conchêgo e d'amor. Para que alongava ella os olhos, se apenas as nuvens carregadas lhe diziam que quasi sempre tudo é leve como fumo, errante como ellas, que voltam ao largo mar feitas em pranto?...

Mas de dentro uma voz roufenha chamou:

—Romana! Estão ahi os do Tojal, ouviste?

—Ahi vou, meu pae, ahi vou.

O morgado tossiu o seu velho pigarro, e afastou-se, apoiado á bengala de canna da India.

As do Tojal! Saberiam ellas, por acaso, o que era feito do Manuel?

Nesta esperanza, Romana sentiu bater-lhe o coração.

Desde pequenos que Romana e Manuel passavam juntos estas festas, armando com os do Tojal um presepio, brincando, jogando o rapa, saltando como os passaros numa eira, quando os cereaes de Deus seccam ao sol. A tia Monica (pois a mãe morrera muito cedo) contava-lhes a historia das botas de sete leguas, e a da princeza Ursulina, que tinha um grande jardim com pomos de oiro, lindos anneis de esme-

sempre Romana, par ingenuamente amoroso, como ingenuamente a flôr se volta para a luz do sol desde as manhãs do Génesis.

Depois, as duas creanças foram crescendo—e Manuel achou-se de repente orphão e pobre, porque o pae perdulariamente sumira uma larga fortuna. Então um parente chama-o do Brasil, e elle entendeu que devia partir, para voltar mais tarde desposar Romana, a doce companheira dos presepios, a princeza Ursulina que elle sonhára.

Esse ultimo adeus foi terno e simples como um idyllio antigo. Ella veio ainda vê-lo do muro coberto de rosas trepadoras. Trazia os olhos cheios de agua... Manuel passava na diligencia, que enchia o valle silencioso do tilintar dos guisos, e fazia esvoaçar aves espavoridas. Chorando, Romana atirara-lhe flores. Caía a tarde.

De longe, na subida da estrada, Manuel ainda olhava, dizia adeus com o lenço. Ambos soluçavam. Já a lua ia subindo. E longamente ficaram a olhar, sob as estrellas, como pasmados, o espaço mudo e pallido, concha de sonho eterno, onde eternamente hão-de voar os olhos de quem ama!...

Elle logo que chega escreve. Conta a viagem nostalgica: como a saudade, com mãos de velludo, lhe ia rasgando o peito; como esse mar tam fundo parecia gemer as mesmas ancias dum coração amoroso; como os olhos, cheios da imagem de Romana, quasi cegos de só a verem, se lhe inundaram de agua, quando na tolda do navio, sempre a tecer chimeras, elle se punha a erguê-los á lua do mar alto... E sempre Manuel evocava a graça de Romana, a bondade serena do seu olhar, a doçura da sua voz e do seu nome...

A infancia avultava, com aquelle nimbo de sonho e de belleza que a doira. Vinham as lembranças, leves como sorrisos, mas que valem mais para os noivos, e pesam talvez mais na vida humana, do que as longas e sangrentas victorias: passeios silvestres, as amoras colhidas, a *cabra cega* á volta dos alecrins em flor, e as toutinegras que iam ouvir cantar nas laranjeiras—que hão de ser sempre arvores romanescas de amor e de poesia.

Escrevia sempre, com a pontualidade com que os astros surgem ou mergulham na curva dos ceus. Mas havia meses que as longas cartas cessaram. A respeito de Manuel não havia mais nada que um silencio e um enigma. Romana chora, a tia Monica ralha mais ás creadas, e o morgado a quem o casamento agrada, anda mais teimoso, e nem quer jogar o voltarete com os seus velhos caturras.

Mas elles não faltam, com as do Tojal, que dão á vasta residencia tranquillã uma viva alegria tumultuaria. São três, e chamam-lhes as *Graças*; veem tambem as creanças: desde que o pae morreu, todos, em companhia da mãe, ceiam com o tio morgado. Lá dormem, no casarão antigo, assim como os parceiros do voltarete—o padre Senna, já só no mundo, figurinha encarquilhada e fina de velho, os cabellos de prata; o advogado Arruda, romantico, de largo gesto oratorio, celibatario impenitente e liberal á maneira vintista; e o Serrão, proprietario e philosopho,—que ainda defende o Senhor D. Miguel, como se o visse em Sines, na «Stag», a caminho do exilio, pondo os olhos negros e tristes nas figueiras de Portugal...

A grande ceia começa, com o morgado presidindo. A tia Monica, de touca, anda num rodopio, a dar ordens na cozinha, onde Romana e as *Graças* ajudaram ao doce.

Na larga copa resplandecem pratas e loiças da India. A pequenada chilreia como passaros, e para completar o so-



— Romana! Estão ahí os do Tojal, ouviste?

raldas, e casára com um cavalleiro que viera de muito longe, e matára com a sua forte espada de heroe o dragão encantado e maldito... Como todos cantavam, riam, bailavam! O morgado tocava um violão romantico, ou no velho piano a tia Monica acompanhava o côro adoravel:

*O' Constança não me deixes,
Que eu inda te não deixei,
Num jardim de tantas flores
Não sei qual escolherei...*

A ronda girava, num balanço de barcarola, e Manuel, no meio do circulo, esperava abraçar a escolhida, que era

cego e o conchego d'aquella ceia patriarchal, o vento assobia mais frio, e a chuva começa agora a rufar nos vidros.

—Um lindo tempo, para quem andar a elle! Diz o Serrão, talvez lembrando-se se o principe querido andaria áquella hora sem guarda-chuva, no exilio.

Mas as enormes travessas apparecem com o bacalhau fumegando, os grelos, as grandes e verdes couves.

Chegam os bolinhos, e aquelle polvo «aleivoso e vil», no dizer do classico, mas para quem o homem foi generoso ao ponto de o comer guisado; e sobretudo é celebravel a invasão dos doces, das fructas de sequeiro, as rabanadas de vinho, roxas como flores de cardo, e a sopa doirada para os mais gu-

Ella como que desperta dum mau sonho. Pelo rosto do morgado tambem passa uma nuvem escura...

Mas o padre Senna explica que á meia noite, que não tardará, nasceu Jesus. E nascêra humilde, nas palhas dum presepio, para nos mostrar que na maior humildade é que se occulta a mais prodigiosa grandeza... Foram-no adorar os pastores, os simples, tocando avenas; vieram os reis magos, montados em camêlos, por cerros e desertos, trazendo bocetas com dons preciosos, o incenso e a mirra cheirosa... E até a mulinha benta e a vacca do estábulo quizeram aquecer com o seu bafo a creancinha divina!

—Tempos que não voltam! disse o Serrão, pestanejando.



De longe, na subida da estrada, Manoel ainda olhava, dizia adeus com o lenço. Ambos soluçavam.

losos; os mexidos, que sabem tanto a mel, os bolos de gerimú, os pudins, as murcellas, e as filhós loirejantes, que já estalavam na boca de fr. Bartholomeu dos Martyres...

O vinho enche os copos, vae accendendo os rostos. A tia Monica ralha ás creadas, e as três *Graças* riem num gorgueio d'aves. Uma creança entorna um copo de vinho, que põe na toalha uma nodoa enorme. A boa tia Monica ralha mais. E o velho advogado explica, numa larga imagem—que aquella nodoa rubra é alegria e ventura!

O vento parece agora latir, a chuva cae, e os ramos duma arvore, sacudidos, batem nas vidraças...

—Jesus! Se são ladrões!...

Os olhos das creanças espreitam assustados.

—Se fossem, encontravam homem!—respondeu o Serrão, bebendo outro calix, rubido á luz como granadas liquidas. O morgado ri-se, beatificamente. Só Romana está triste, ouvindo a chuva, a noite lugubre e damninha esgalhando as arvores, arrancando o colmo dos casebres miseraveis; só ella escuta o coração com quem falla em segredo. Pobre Manuel, que será feito d'elle?! As palpebras agitam-se-lhe, como a quererem espavorir uma lagrima rebelde.

Uma das primas atira-lhe uvas passas:

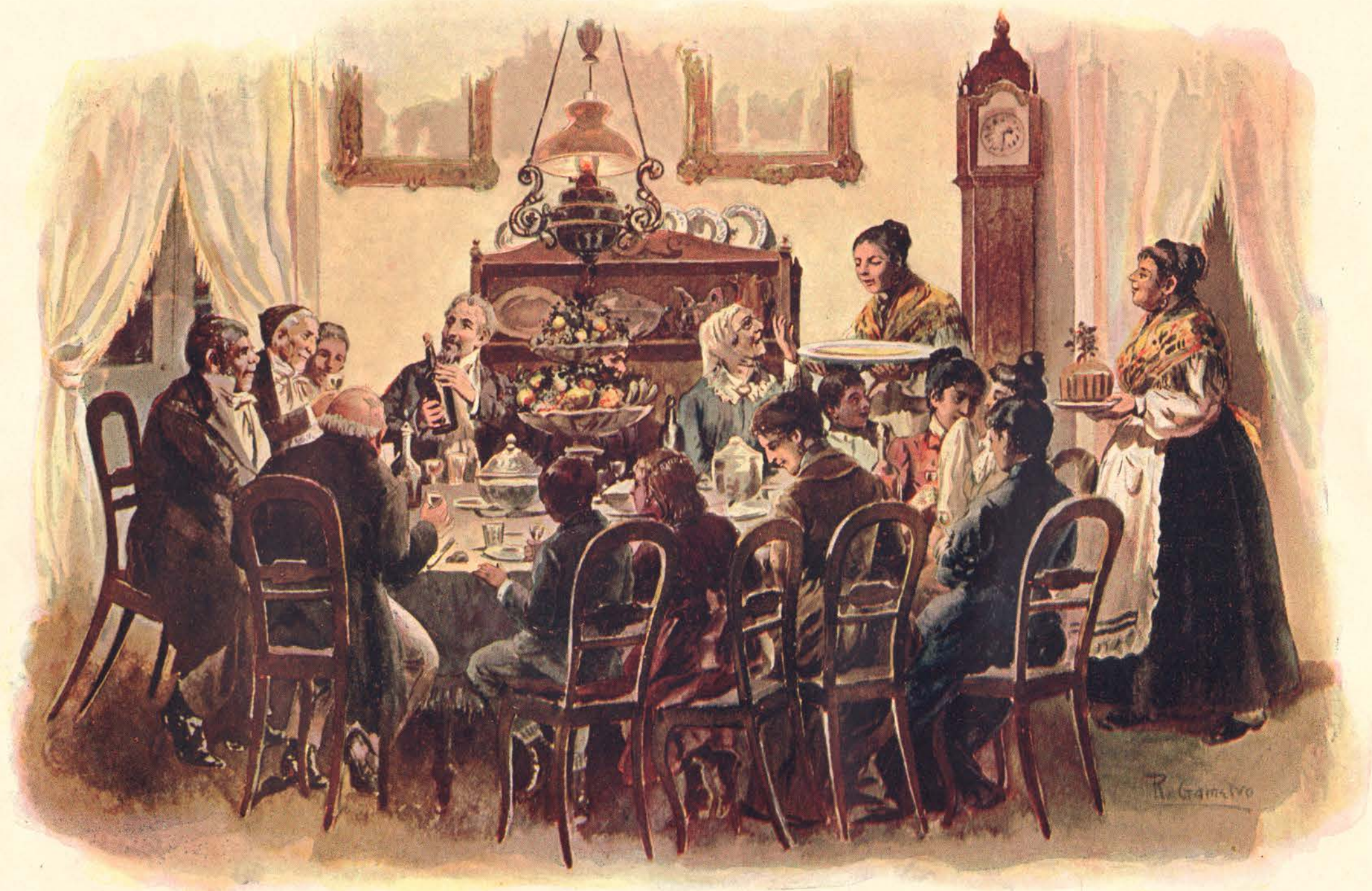
—Em que pensas, deixa lá a chuva!...

A natureza inteira, continuou o padre Senna, desde os reis cheios de oiro até ás plantas rasteiras dos caminhos, adorava Jesus, filho de Maria, a mais doce e mais pura mulher da Galileia. E uma estrella desceu do alto, muito viva, a poisar no tugurio, pois tambem do ceu descêra, num milagre estupendo, aquelle que ensinou os homens a serem simples como os lirios, e mostrou como a piedade é a escada da ventura, e o amor a unica chave do ceu...

Todos ouviram, num silencio recolhido, o padre Senna, virtuoso e singello. A tia Monica tinha os olhos humedecidos; e até o Serrão arregalava de vez em quando os d'elle, talvez á procura dos três reis magos, montados em camêlos, nos longos areaes da Syria...

Então o morgado brinda os velhos amigos, que tanto o alegram naquella noite, ao seu lado. Tocam-se os copos, e prova-se outro vinho, que vem numa garrafa muito velha, e que o morgado despeja como um nectar... O Arruda agradece, á maneira romantica: falla no fogo sagrado do lar, nas fundas paixões da existencia, nos carinhos perdidos, nos beijos mortos, nas illusões admiraveis e desfeitas... Brinda a todos os ausentes!

A esta saude, Romana sente estrangulá-la um soluço, e uma lagrima fugir-lhe dos olhos. Ao levar o calice á boca, a



mãosita pallida treme-lhe como uma flor ao vento. E todos fazem essa libação melancolica, recordando os seres queridos, como quem sopra as cinzas dum brazido de tristezas...

O Serrão levanta se. Nunca tinha deixado de beber á saude do Principe exilado!

Mas este brinde, que accenderia de certo pittorescas discussões politicas, é interrompido por três pancadas vibrantes no portão da casa, que resoam longamente.

—Quem é? Que será? Jesus!...

A ideia infantil dos ladrões reapparece e amedronta as mulheres e as creanças.

—O' Serrão, e se é o principe exilado? Diz o advogado, sorrindo.

Todos se calam. Os cães ladram. Ouve-se ainda o vento e as pingas da chuva...

Aproximam-se passos pesados... O silencio é profundo e triste. Mas, á porta, com o seu grande capote molhado, muito pallido de fadiga, mas illuminado dum grande sonho, um homem apparece e pergunta:

—Ainda chego a tempo?

Todos se levantam, num espanto e numa immensa alegria. Ha lagrimas nos olhos. Romana corre, dá um grito, e vae tremula cair-lhe nos braços.

—Manuel, Manuel, vieste!

—Romana!...

JULIO BRANDÃO.



... Romana corre, dá um grito, e vae tremula cair-lhe nos braços.